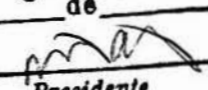




190  
**Câmara Municipal de Ribeirão Preto**  
Estado de São Paulo

**PROJETO DE  
LEI**

Nº 190

**DESPACHO**  
EM PAUTA PARA RECEBIMENTO DE EMENDAS  
01 AGO 2013  
Rib. Preto, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_  
  
Presidente

**Ementa:**  
Denomina Logradouro Público ou Próprio Municipal de Benedito Francisco (Bilo).

**SENHOR PRESIDENTE**

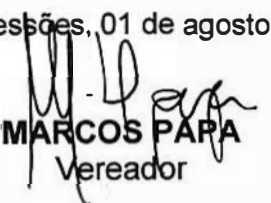
**Apresentamos à consideração da Casa o seguinte:**

Artigo 1º - Fica, pela presente lei denominado **Benedito Francisco (Bilo)** como logradouro público ou próprio municipal.

Artigo 2º - A denominação que se trata o caput do presente artigo será dada por ato do Chefe do Executivo Municipal, a um logradouro público ou próprio municipal que, a partir da vigência dessa lei, esteja ainda sem nomenclatura.

Artigo 3º - Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 01 de agosto de 2013.

  
**MARCOS PARA**  
Vereador



# Câmara Municipal de Ribeirão Preto

Estado de São Paulo

## JUSTIFICATIVA À PROPOSITURA

Benedito Francisco, o músico saxofonista "Bilo", nasceu em Cruz das Posses em 11 de outubro de 1932<sup>1</sup>.

Bilo é o diminutivo de Bilontra, apelido que o músico recebeu ainda na época em que pretendia ganhar a vida como jogador de bola. "Eu corria muito e era bom de drible, por isso me comparavam a uma lontra. Não uma, mas duas. Daí, 'bi-lontra', explicou, em entrevista concedida ao Caderno C, do Jornal "A Cidade" em 2007.

Casado há 43 anos com a senhora Eva Rosa da Silva Francisco, do lar, tendo dois filhos - Reginaldo da S. Francisco escriturário, funcionário público e guitarrista amador e Regina da Silva Francisco, diarista e tecladista amadora, tendo 5 netos, todos, a partir do casamento, ribeirão-pretanos.

Tornou-se músico requisitado na noite ribeirão-pretana. Apesar do currículo, sempre foi modesto e nunca se considerou um virtuoso. "Eu faço o meu arroz com feijão. Quem quiser que engula", dizia.

Saxofonista que por décadas animou as noites de Ribeirão Preto. "Foi um grande músico e todo mundo lembra-se dele tocando na noite", comenta o filho. A cantora Bia Mestriner, por exemplo, conheceu o saxofonista em 1986, quando começou a se apresentar no hotel Black Stream. "Ele não era músico da casa, porém passava sempre com seu sax por lá. Ele chegava dando suas risadas e falava sempre: 'é preponderante'. Pra ele essa palavra era 'chique' e resumia tudo de bom que a música lhe causava", lembra.

Bia conta que Bilo sempre viveu com dificuldades financeiras, mas a música e o sorriso estavam sempre em seu coração. Por isso, humildemente transitava pelas ruas do Centro nas madrugadas, depois de ter tocado em algum outro lugar. "Foi muito boêmio e passou por muitas dificuldades, como passam muitos músicos no interior, principalmente. Além de ser negro, trazendo as mazelas do tratamento social e do preconceito", argumenta.

Bilo era muito querido pela classe artística local. O diretor de teatro Antônio Gilson Filho, coordenador do Espaço Ribeirão Em Cena, afirma que o conhecia há mais de 30 anos. "Ficávamos zanzando pela noite e ele dando canja em todos os 'points' da cidade. Bilo não era um ser humano comum, era música. Fluía como música", recorda.

Gilson ressalta que o amigo também era um grande compositor. Certa vez, pediu para que o saxofonista compusesse a trilha de um espetáculo baseado em Nelson Rodrigues. O músico apareceu pouco antes do ensaio geral e no dia seguinte apresentou a trilha ao vivo. "Ficou tão extraordinária que o contratamos inclusive para

<sup>1</sup> Fonte: família e Jornal "A Cidade"



# Câmara Municipal de Ribeirão Preto

Estado de São Paulo

fazer o 'foayer' (saguão) do teatro. Aí o público custava entrar para assistir ao espetáculo, preferia ficar ouvindo o Bilo", lembra.

Para o artista plástico Paulo Camargo, Bilo foi o último de uma grande geração. "Foi meu companheiro de copo por 40 anos. Era muito humilde e vivia tocando nos botecos por alguns trocados. Quando eu tinha dinheiro no bolso, sempre pagava alguma coisa pra ele", lembra.

Como músico tocou em lugares consagrados da cidade, como JR Bosque, Caneca de Prata Orquestra Laercio de Franca, Stream Palace, etc.

Com a saúde frágil, estava longe da música há muito tempo. A última vez que se apresentou foi durante um show em sua homenagem realizado pelos amigos em 2011, na Casa do Dedé.

Faleceu no dia 16 de julho de 2013, aos 81 anos.

Reconhecendo a relevante atuação para a sociedade ribeirão-pretana é que se espera a aprovação da presente propositura.